

FEUERBACH E A RELIGIÃO: ATEÍSMO E DETERMINISMO MORAL

*Kelvin Amorim de Melo**

*Francisco Elionardo de Melo Nascimento**

RESUMO: Ludwig Feuerbach causou grandes rupturas no pensamento moderno após o desenvolvimento de sua filosofia. Ao expressar a redução da religião a antropologia, o filósofo passa a compreender o homem como sensibilidade, na qual sua consciência é o limite da percepção de seus sentidos. Aqui exporemos a diversidade de críticas recebidas por Feuerbach em sua obra *A Essência do Cristianismo* e de como ele as compreende, posteriormente, através de seu escrito *A Essência da Religião*. Dessa forma, tomamos como elemento primordial compreender os maus entendidos acerca da obra do autor, para assim, tornar possível a compreensão de sua postura acerca da religião.

Palavras-chaves: Cristianismo. Religião Natural. Sensibilidade. Homem.

FEUERBACH AND RELIGION: ATHEISM AND MORAL DETERMINISM

ABSTRACT: Ludwig Feuerbach caused major ruptures in the modern thought after the development of his philosophy. To express the reduction of religion to anthropology, the philosopher passes the understanding of man as sensitivity, where your consciousness is the limit of perception of his senses. Here we'll expose the diversity of criticism to Feuerbach in his work *The Essence of Christianity* and how he understands them later through his written *Explanations on the Essence of Religion*. In this way, we take as the fundamental element to understand the misunderstandings about the work of the author, to thus make possible the understanding of your attitude about religion.

Keywords: Christianity. Natural Religion. Sense. Man.

1. Introdução

O final do século XVII foi cenário de grandes filosofias e pensadores¹ que por sua visão produziram grandes influências nos séculos subsequentes concernentes a caracterização do conceito de homem tendo como pano de fundo a luz da razão. Nesse período, pós Idade Média, passa-se a ser odiado tudo o que está relacionado ao dogmatismo religioso: a ordem, a hierarquia, a autoridade, a disciplina, os dogmas da fé. Em linhas gerais, a igreja em sua totalidade. O teocentrismo medieval passava por

* Graduando em Filosofia na Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: kelvinamorim@live.com.

* Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: elionardomelo@gmail.com.

¹ Neste ponto, referimo-nos ao iluminismo alemão sendo que é nesse período que “o homem torna-se ponto de referência da realidade, transformando-se em medida do homem e do mundo, ao qual é pensado a partir do homem e projetado para o homem” (ZILLES, 1991, p. 12). A introdução deste pensamento foi iniciada em René Descartes na máxima *cogito, ergo sum*. Seu argumento causal define que “o cogito não depende do conhecimento de Deus, mas vice-versa” (ZILLES, 1991, p. 32). Assim, o iluminismo tem como objetivo universalizar a razão afirmando os conceitos de indivíduo e liberdade.

transformações radicais e iniciava sua descaracterização *encantada* da religião e, ao mesmo tempo, o conceito de Deus iniciava sua redução a figura antropológica.

De acordo com Tomasoni (2015) e Zilles (2008), essa grande discussão deu margem a inúmeros questionamentos acerca da transcendência de Deus, acabando por culminar na *reviravolta copernicana* com o pensamento de Kant, ao afirmar que tudo, inclusive a religião, deve ser submetida ao tribunal da razão para a verificação de sua verdade. A filosofia kantiana teve como resultado “a revolução antropologizante do pensamento ocidental” (OLIVEIRA, 1978, p. 128) influenciando inúmeros pensadores, tendo como consequência o pensamento ateuista.

O ateísmo moderno nasceu com a radicalização do iluminismo francês e, posteriormente, com o iluminismo alemão. Aqui destacamos Ludwig Feuerbach (1804-1872), Karl Marx (1818 – 1883), Friedrich Nietzsche (1844 – 1900) e Sigmund Freud (1856 – 1939) como autores com fecundas expressões nesta corrente de pensamento. Marx, com sua teoria da luta de classes, classificou a religião como o ópio do povo. Esta utilizada pelos burgueses como ferramenta de dominação das massas. Nietzsche formulou sua teoria de esvaziamento da metafísica, repreendendo o cristianismo, cunhando-o de religião dos fracos e oprimidos. Já Freud argumentou, a partir da sua psicologia profunda, a religião como figura do pai protetor e punitivo, estando o homem vivendo uma fase de imaturidade psíquica (ZILLES, 2008).

Ludwig Feuerbach é uma exemplificação de intelectual que lançou profundas questões acerca da religião que nortearam reflexões de outros filósofos por meio da redução da religião a antropologia. As principais obras em que o autor faz críticas a religião são: *A Essência do cristianismo* (1841), *Princípios da Filosofia do Futuro* (1843), *A Essência da Religião* (1846)^{II} e *Teogonia* (1857).

Neste trabalho, utilizamos como fonte de pesquisa as obras mais centrais e polêmicas de Feuerbach: *A essência do Cristianismo* e *A essência da religião*. Nestes textos, o filósofo alemão fundamenta sua crítica ferrenha a religião desmascarando-a e a destituindo de toda a sua metafísica, tendo em vista a restituição dos valores morais e éticos do homem através do seu reconhecimento enquanto ser fundante de sua própria realidade.

^{II} Posteriormente Feuerbach publica sua obra completa intitulada *A Essência da Religião* em 1851. Os escritos tinham como intuito a dissolução de alguns mal-entendidos com relação à obra *A essência do Cristianismo*.

Nosso trabalho baseou-se na metodologia dedutiva e na análise bibliográfica, centrada nas obras de Feuerbach e de comentadores do filósofo, tais como Zilles (1991, 2008) e Tomasoni (2015). Temos como proposta central analisar o pensamento do autor por meio da identificação dos elementos que caracterizam a relação do homem com Deus no cristianismo (religião do espírito) e na religião natural (religião da natureza). Estas ideias despontam na projeção do homem à figura divina.

Este trabalho está dividido em duas sessões. Na primeira tratamos da diversidade epistemológica envolvendo as duas obras do autor que são base desta discussão. Serão discutidos alguns mal-entendidos em *A Essência do Cristianismo*, obra na qual Feuerbach foi acusado de subjetivismo e antropocentrismo, bem como, argumentaremos sobre os pontos que ainda permanecem obscuros.

Na segunda sessão foi abordado o pensamento do autor baseado, principalmente, em *A Essência da Religião*. Nesta obra o autor tem como foco a religião em geral, buscando seu fundamento na relação do homem com a natureza e caracterizando a sensibilidade enquanto fator constituinte da consciência do homem. Este argumento tem como âncora a existência da consciência a qual é guiada por si mesma. Em síntese, para Feuerbach, existência e realidade formam uma unidade.

Desse modo, tomamos as indagações fundamentais e significativas do pensamento do Filósofo para as nossas próprias reflexões, não tentando as responder como certeza, mas buscando oferecer pistas viáveis para compreensão e reflexão das críticas ao pensamento de Feuerbach, que são ou que foram instigadas pelos leitores do filósofo.

2. Essência do cristianismo e a essência da religião: considerações epistemológicas sobre as obras

2.1 A essência do cristianismo como projeção do espírito do homem

Feuerbach, logo nos primeiros parágrafos de sua obra – *A Essência do Cristianismo*, nos mostra a profundidade do seu pensamento com o seguinte questionamento: “mas qual é esta diferença essencial entre o homem e o animal?” (FEUERBACH, 2012, p. 35). É com essa pergunta que o autor sinaliza o início de grandes reflexões que serão desenvolvidas ao longo de toda a sua obra.

Feuerbach (2012) nos conceitua a diferença entre homem e animal fundamentalmente pelo primeiro ser possuidor de religião e o segundo não. Assim, a

religião é o que distingue o homem dos outros animais, pois é com ela que o homem experimenta o infinito, é nela que o homem consegue pensar de forma abstrata a partir de seu próprio gênero e individualidade. A essência do cristianismo é para Feuerbach a essência humana objetificada numa consciência alienada de si mesma.

De acordo com Zilles (1991), Feuerbach compreende que a consciência dentro de sua ilimitação^{III} é para o homem objeto de adoração dentro de sua natureza limitada.

Só a razão é o ser que usufrui de todas as coisas sem ser por elas usufruídas – é o ser que se usufrui, que se basta – o sujeito absoluto – o ser que não pode ser rebaixado para objeto de um outro ser, por que transforma em objeto todas as coisas, em predicados de si mesma, por que abrange em si todas as coisas, por que ela mesma não é uma coisa, por que ela é livre de todas as coisas (FEUERBACH, 2012, p. 68).

Feuerbach sofreu inúmeras críticas após a publicação de sua obra. As críticas mais ácidas partiram de Julius Müller, Constantin Franz e Georg Friedrich Daumer. Müller criticou, segundo sua leitura, veementemente o posicionamento de Feuerbach ao compreender que o filósofo colocava os homens em grau superior em relação aos animais. Anos mais tarde, Feuerbach comenta as críticas a ele proferidas na obra *A Essência da Religião*, explicando com mais detalhes seu verdadeiro objeto de estudo (TOMASONI, 2015).

Pouco tempo após a publicação da obra (essência do cristianismo), o teólogo protestante Julius Müller acusou Feuerbach de subjetivismo. Se cada objeto não era outra coisa senão reflexo do sujeito este, nunca saía de si mesmo (p. 92).

Tomasoni (2015) destaca que Müller ainda questionou Feuerbach: “por que o homem sente a necessidade de por para fora de si um deus?” (p. 9). Para responder tal questão, Feuerbach dedicou-se a pesquisa da religião na natureza, na sensibilidade. O filósofo foi mais a fundo com suas formulações teóricas acerca do homem e de sua relação com a religião. Esse ponto de vista considerado antropocêntrico por Müller foi clarificado através de seus pensamentos expostos em *A Essência da Religião*.

Diante de tal questionamento acerca das críticas elaboradas a respeito de sua obra, Feuerbach (1989, p. 27) responde que:

^{III} Tratamos do termo ilimitação como sendo natural ao gênero humano dentro de suas condições de possibilidade do pensar. Razão e sentidos estão endossados na natureza, dessa forma, a ilimitação da razão é a ilimitação do próprio pensamento que não pode, naturalmente, pensar o todo. Referimo-nos aqui a um campo restrito de ilimitação, mas não ilimitação em seu sentido radical. É somente ilimitado para a razão aquilo que ela não pode compreender em sua totalidade, tal como afirma Feuerbach (2012, p. 36): “a consciência do infinito não é nada mais que a consciência da infinitude da consciência”.

Em Essência do Cristianismo, *Deus foi meu objeto de estudo apenas como ser moral* [...] uma vez que mostrei segundo seus atributos morais e espirituais, portanto nada mais que a essência espiritual do homem divinizada e objetivada em que a teologia, na verdade, em seu último fundamento e seu resultado final é apenas antropologia. Agora mostro em *A Essência da Religião* que o Deus físico ou o Deus considerado como a causa da natureza, das estrelas, das árvores, das pedras, dos animais e dos homens enquanto seres físicos e naturais nada mais significa que a essência divinizada e personificada da natureza [...].

Assim, Tomasoni (2015) diz que Feuerbach expressa de forma clara e concisa seu intuito ao falar sobre Deus em *A Essência do Cristianismo*. O Deus que foi o seu objeto de estudo na obra referida trata-se da consciência do homem em suas últimas consequências, livre de qualquer resquício de sensibilidade: consciência invertida, alienada, divinizada. Já em sua obra *A Essência da Religião* (1989, p.29) expressa o pensamento do filósofo que [...] a essência divina que se manifesta na natureza não é outra coisa que a natureza mesma, que se mostra e se impõe ao homem como um ente divino”.

2.2 Considerações sobre a “falha” em *A Essência do Cristianismo*

Feuerbach (1989, p. 25-26) explica posteriormente, em *A Essência da Religião*, que o cristianismo se baseia no próprio homem para criar seu deus e não através do “sol, com as estrelas, o fogo, a terra e o ar, mas as forças que fundamentam o ser humano em contraste com a natureza: vontade, inteligência, consciência como essência e poderes divinos [...]”.

Meu ponto de vista ou doutrina expressada em *A essência do cristianismo*, ou melhor: minha doutrina como eu a expressei e pude expressar *nessa obra de acordo com o seu objeto*^{IV} tem uma grande falha e por isso deu ocasião aos mais tolos mal-entendidos (p. 26).

Para Chagas (2004), o cristianismo tem seu Deus com base em uma consciência que não possui sensibilidade, que não possui órgãos sensíveis, mas que se expressa através de características puramente humanas pensadas de forma infinita, abstrata. O Deus do cristianismo é um deus humano, mas sem corporeidade. Um ser que pensa, mas que não necessita de um cérebro. Em suma, o Deus cristão é a completa abstração do pensamento humano que, contraditoriamente as suas ações, exigem sensibilidade, mas ao mesmo tempo é desprovido da mesma. O homem cristão “empresta” a Deus sua razão sem os seus sentidos.

^{IV} Grifo nosso.

Como explica Feuerbach (2008) em *Princípios para a Filosofia do Futuro*, a obra *A Essência do Cristianismo* volta-se para os aspectos morais de Deus tratando de seus atributos espirituais tais quais são os dos homens. Essa crítica também adentra o campo da filosofia especulativa a qual pensa o homem onde a razão é separada de seus sentidos. Nesta linha de argumentação, afirma que “a essência da filosofia especulativa nada mais é do que a essência de Deus racionalizada, realizada e atualizada. A filosofia especulativa é a teologia verdadeira, consequente, racional” (p. 07). Dessa forma, observa-se que as críticas recebidas parecem tender a equívoca de uma leitura afobada das obras.

É-me impossível pensar um ser que respira sem ar, um ser que vê sem luz, mas posso pensar isoladamente para si o ser pensante. O ser que respira refere-se necessariamente a um ser a ele exterior; tem o seu ser essencial, graças ao qual é o que é, fora de si; mas o ser pensante refere-se a si mesmo é o seu próprio objeto, tem a sua essência em si mesmo, é o que é, graças a si próprio (FEUERBACH, 2008, p. 09).

De acordo com Zilles (2006), a religião cria um deus imaterial através do contato com a materialidade, cria uma alma através do corpo no qual o transcendente só pode ser pensado e afirmado através da experiência sensível. A inversão dessa posição ocorre na filosofia tradicional onde o homem tem para si a sua razão como objeto independente dos sentidos, o que é um erro, pois assim como o divino “a moralidade também tem seu fundamento último na sensibilidade” (LOPES, 2011, p. 52).

Nesta perspectiva, segundo Lopes (2011), tanto a filosofia especulativa quanto a religião negam o homem em sua integralidade, ou seja, em sua sensibilidade. Assim, “a que se reduz, pois, a diferença entre o pensar divino e o pensar metafísico? Apenas a uma diferença de imaginação, à diferença entre o pensar apenas *representado* e o pensar *real*” (FEUERBACH, 2008, p. 16). Não se considera que o homem não possua graus de abstração ou pensamento, mas afirma-se que este só consegue ser efetuado após o contato com aquele, ou seja, com o sensível.

Zilles (2008) nos indica que apesar das críticas recebidas, Feuerbach nos indica que o intuito de sua filosofia desde a primeira obra, foi sempre iluminar a obscura essência de Deus. Seus objetivos mantiveram-se no foco de retirar e restituir o homem de seu estado de exploração voluntária: da religião.

Interessa-me acima de tudo, e sempre me interessou, iluminar a obscura essência da religião com a luz da razão, para que finalmente os homens parem de ser explorados para que deixem de ser joguetes de todos aqueles poderes inimigos da humanidade que, como sempre servem-se

até hoje da nebulosidade da religião para a opressão do homem (FEUERBACH, 1989, p. 28).

Assim, Zilles (1991) compreende que Feuerbach teve como seu único objetivo compreender a religião a qual, deliberadamente, transformava-se em antropologia, tanto em *A essência do cristianismo* quanto em *A Essência da Religião*. A distinção entre as obras está em que *A essência do cristianismo* o Deus abstrato (Cristão) é a essência humana que é a “razão, a vontade e o coração” (FEUERBACH, 2012, p. 36). Já em sua obra *A Essência da religião*, Feuerbach explicita todo o processo de objetivação fundamentado, em última análise, como a natureza sendo o sustentáculo da religião por conta do medo e da dependência, sentimentos naturais que são divinizados, isto é, “a essência divina que se manifesta na natureza não é outra coisa que a natureza mesma, que se mostra e se impõe ao homem como um ente divino” (FEUERBACH, 1989, p. 29).

2.3 Sobre A Essência da Religião: a religião da natureza e sensibilidade

Segundo Zilles (1991), após seu rompimento com Hegel^V, Feuerbach também muda seu posicionamento a respeito da compreensão da posição do homem no universo e livra-se do considerado antropocentrismo. Feuerbach coloca o infinito no homem e não no absoluto; volta-se não para a *ideia* de percepção sensível, mas para a percepção sensível, sendo este tornado critério para a compreensão da realidade. A consciência “é um espelho em que se reflete aquilo que mais amamos, nossa própria essência” (ALVES, 1981, p. 45).

Chagas (2004) complementa que o homem ultrapassa sua existência individual^{VI}, superando a consciência de si mesmo e assim passa a *consciência rigorosa* onde tem o seu gênero como seu objeto a partir da relação entre o outro (tu) e o individual (eu). Desta forma, “Feuerbach apresenta uma antropologia que busca unidade entre o eu, o tu e o nós (comunidade), entre indivíduos e espécie, história universal e história individual, atribuindo ao amor o primado sobre o pensamento” (ZILLES, 1991, p. 106).

^V Feuerbach pretendia ser teólogo e estudou teologia em sua cidade Heildelberg, na Alemanha, e posteriormente conheceu Hegel e tornou-se hegeliano, mas assumindo uma postura oposta. “Apesar de Hegel apelar à percepção sensível, sua filosofia não começa com a percepção sensível, *mas com a ideia de percepção sensível*” (ZILLES, 1991, p. 104), sendo assim, o pensamento de Feuerbach se afasta do de seu mestre, pois Feuerbach percorre o caminho contrário do de Hegel. Feuerbach encontra-se no meio de pensadores que sacrificou a religião à filosofia. Assim, apareceram as duas divisões do pensamento hegeliano: hegelianos de direita e hegelianos de esquerda. Os de direita assumiam positivamente o discurso racional – filosófico – na justificativa das verdades cristãs. Já os hegelianos de esquerda, viam a religião como grande legitimadora das alienações da humanidade (TOMASONI, 2015).

^{VI} Feuerbach ultrapassa as compreensões de eu e tu onde recaem no seu conceito de comunidade. “O homem para si é um homem; o homem com o homem – unidade do eu e do tu – é Deus” (ZILLES, 1991, p. 106).

Feuerbach (1989) reflete acerca da religião a partir de sua raiz ontológica perguntando-se pelos fundamentos que sustentam esse fenômeno partindo da natureza, ou seja, da sensibilidade. Faz-se necessário compreender que o filósofo busca pelas últimas consequências da religião na natureza (*physis*), cabendo “investigar se o fenômeno religioso é originário e irreduzível no homem, e se leva um termo supremo chamado Deus” (ZILLES, 1991, p. 17), sendo que o “pressuposto de toda a racionalidade é o mundo percebido” pelos sentidos (p. 265) onde a razão experimenta a realidade à sua própria necessidade.

2.4 Do ateísmo de Feuerbach

Tomasoni (2015) compreende que Feuerbach investiga as profundezas do sentimento religioso no homem através da explicação de Deus pela antropologia, abrindo margem para consequências ateísticas. O ateísmo de Feuerbach não se baseia numa mera negação do objeto (Deus), mas sim, na compreensão de seus predicados os quais são reduzidos através da compreensão da história do próprio homem, assim, negando a metafísica e a divindade. Aqui podemos compreender que “a consciência divina nada mais é que a consciência da consciência como entidade absoluta ou divina” (FEUERBACH, 2012, p. 91).

Para se ter em mente a unidade existente entre os predicados divinos e humanos, para também com isso se tirar da ideia a unidade entre a essência divina e a humana, recorre-se à teoria segundo a qual Deus, como um ser infinito, é uma infinita quantidade de diversos predicados dos quais nós aqui só conhecemos alguns e exatamente os que são análogos ou semelhantes (FEUERBACH, 2012, p. 53).

Ainda de acordo Tomasoni (2015), após repreender todo o sistema cristão, Feuerbach vislumbra a possibilidade de um futuro sem a existência de deuses. Defende um novo tipo de filosofia que abdique a metafísica e que se funde na revalorização do homem em união com a natureza. Feuerbach afirma uma filosofia materialista e fundamentada sob a realidade sensível. O filósofo não defende um materialismo supranaturalista, mas sim, um materialismo que tem como base os próprios sentidos, que são objeto da razão, como fatores limitadores de conhecimento. Sendo assim, “os conceitos não são propriamente o mundo, mas apenas falam sobre ele” (LOPES, 2011, p. 52).

O sentimento é ateu no sentido da crença ortodoxa que como tal associa a religião a um objeto exterior; o sentimento nega um Deus objetivo -

ele é um Deus para si mesmo. Somente a negação do sentimento é, sob o ponto de vista do sentimento, a negação de Deus (FEURBACH, 2012, p. 43)

De acordo com Gay (2012, p. 46), deve-se compreender que “Feuerbach não era ateuísta, estando mais empenhado em resgatar a verdadeira religião das mãos dos teólogos do que em destruí-la de todo”. Com isso, Feuerbach mostrou-nos sua própria maneira de filosofar afirmando não estar em busca de sistemas, mas sim, da realidade. Gay (2012, p. 46) comenta ainda que Feuerbach negava a si próprio o título de filósofo afirmando que “não sou senão um pesquisador intelectual da natureza – um *geistiger Naturforscher*”.

Segundo Tomasoni (2015), o ateísmo de Feuerbach não deve ser visto como um ato de crítica radical a Deus, destarte a sua compreensão de Deus baseia-se no fundamento antropológico, não-militante, o qual reconhece as bases do fenômeno religioso como fundamento para a formação da consciência do homem, mas uma consciência alienada a qual deve ser reconhecida por si mesma para desfrutar de sua liberdade plena. Dessa forma, nas palavras de Feuerbach (2012, p. 63) “a religião é a cisão do homem consigo mesmo: ele estabelece em Deus um ser anteposto a ele”.

De acordo com Tomasoni (2015), não há dúvidas que Feuerbach acredita que a ciência possui maior eficácia que a religião no que tange aos problemas físicos dos homens e que, em vez de esperar pelas respostas dos deuses através de orações, precisamos partir para o campo da ação, da prática interventiva. Mas o filósofo assume também que a religião tange a problemas mais profundos, os quais muitas das vezes não podem ser tocados através do pensamento científico. A ciência possui barreiras e limites, e devemos reconhecer tal fenômeno, sendo que “[...] o desconhecimento desses limites nos leva a uma nova arrogância” (p. 35).

Ressaltamos, conforme Zilles (2008), que é necessária a compreensão da religião em sua totalidade, inclusive enxergando os pontos positivos causados por ela a humanidade. É de suma importância compreender que a filosofia feuerbachiana não está focada em erigir uma moral concupiscente através da negação da metafísica e da divindade, mas sim, em demonstrar para o homem que a vontade moral tem como fator fundante o mundo dos objetos, a sensibilidade onde não há contraposição real entre o corpo e o espírito.

Zilles (2006) nos diz que a religião “baseia-se em necessidades” (p. 255), assim como precisamos de alimento. Não podemos desconsiderar que a religião é antes de tudo uma forma de vida humana, uma forma de relacionamento com os outros, uma tentativa

de erigir uma ética, mesmo que no além, para ser vivenciada aqui na terra, a qual tem como objetivo sustentar as fragilidades do homem as quais não são suprimidas em outras formas de vivências dentro da existência humana.

3. O homem, a natureza e a religião

O homem é principalmente sensibilidade (*Sinnlichkeit*) em que sua realidade fundamental tem como objeto a natureza. A natureza traz em seu núcleo, todo o sustentáculo ao homem em sua subjetividade finita. O real, em sua realidade concreta, é que é objeto dos sentidos (ALMEIDA, 2012).

Não só sentimos pedras e paus, carne e ossos, mas *experimentamos*^{VII} também sentimentos, quando premimos as mãos ou os lábios de um ser sensível; percebemos pelos ouvidos não só o murmúrio da água e o rumorejo das folhas, mas também a voz ardorosa do amor e da sabedoria; vemos não só superfícies refletoras e fantasmas coloridos, vemos também o olhar do homem (FEUERBACH, 2008, p. 60).

De acordo com Paula (2007), o sentido está para o entendimento como a sensibilidade está voltada para a espiritualidade. O pensamento e a consciência são derivados da natureza que é conhecida pelos sentidos. Ou seja, a natureza funda o saber (consciência), a distinção dos gêneros, pois quando “a natureza funda o pensamento, o corpóreo funda a filosofia” (p. 07). Vale ressaltar que “a capacidade do pensamento em dar-se sem o corpóreo não significa que há uma independência daquele sobre este, apenas que o pensar não coloca o corpo como objeto seu, mas ainda assim pressupõe-no como seu fundamento” (LOPES, 2011, p. 42).

A dependência com respeito à natureza é por isso, certamente, a causa da religião; mas a superação de tal dependência, a liberdade respeito à natureza é a finalidade da religião. Ou também: a divindade da natureza é com segurança a base, o fundamento da religião (e por certo, de todas as religiões, incluída a cristã) mas o fim último da religião é a divindade do homem (FEUERBACH, 2008, p. 57).

Na religião da natureza ou religião natural o homem desenvolve sua consciência através dos seus sentidos, de sua sensibilidade, de sua relação com a natureza. A adoração do homem a natureza dá-se por dois motivos principais: medo e dependência. Dessa forma, fenômenos naturais como chuvas, tempestades, colheitas fartas ou escassas, terremotos são causas atribuídas a deuses. A adoração tem como finalidade tanto o agradecimento quanto aos pedidos (TOMASONI, 2015).

^{VII} Grifo nosso.

Não existe nenhum sentimento de dependência como tal, mas sempre sentimentos determinados e especiais, como, por exemplo, (para tomar exemplos à religião natural) o sentimento da fome, do mal-estar, o medo da morte, a tristeza em tempo escuro, a alegria no bom tempo, a dor em consequência do esforço inútil e de esperanças fracassadas diante de acontecimentos naturais desastrosos, casos em que o homem se sente dependente (FEUERBACH, 1989, p. 35).

De acordo com Gay (2012), pode-se perceber também que Freud, o qual foi um grande herdeiro do iluminismo do século XVIII, recebeu grande influência das obras de Feuerbach nos seus escritos sobre a religião como nas obras *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), *O Futuro de uma Ilusão* (1927), *Mal-estar na Cultura* (1930). Freud considera que a religião prejudica o jogo de escolhas e adaptação dos indivíduos no processo de escolher para si mesmo, o seu próprio caminho para obtenção da felicidade. Segundo Gay (p. 45), Freud ainda afirmou em carta que “entre todos os filósofos é este (Feuerbach) o homem que mais venero e admiro”.

5. Considerações finais

Apesar da problemática desenvolvida após a publicação de *A Essência do Cristianismo*, o pensamento de Feuerbach pode ir mais profundamente a questão concernente ao nascimento da religião, em geral em sua obra *A Essência da Religião*. Assim, podemos perceber o vínculo existente entre suas duas obras as quais voltam-se sempre para a máxima *religião é antropologia*.

O pensador trata primeiro da relação da consciência do homem com a onisciência de Deus, pois o Deus do cristianismo é o Homem sem limitações, *in abstracto*. Posteriormente, tratando da religião em geral, Feuerbach busca fundamento para sua argumentação na natureza, a qual é o primeiro e único vínculo do homem com a realidade por meio de seus sentidos.

A Essência do Cristianismo, agora encontra base e sustentação nos escritos de *A Essência da Religião*, visto que Feuerbach volta-se para o homem e sua relação com Deus a partir da natureza, da sensibilidade. A religião, em primeiro lugar, tem seu fundamento nos fenômenos naturais, através do desenvolvimento do medo e da dependência do homem pela natureza, tendo como consequência a sua divinização que é ocasionada pela não compreensão destes fenômenos naturais.

Acreditamos que o pensamento de Feuerbach exige conhecimentos dos elementos históricos perpassados pela sua vida para uma compreensão mais próxima da ideia defendida em suas obras. Quando apontadas por outros pesquisadores, as suas falhas, ao

nosso olhar tiveram impacto positivo, pois incluiu como consequência maior, grande aprofundamento de Feuerbach acerca da religião tratando de temas mais densos como a moral, liberdade, felicidade e a sua ligação com os sentidos, com a sensibilidade humana.

Vale ressaltar que sua obra *A Essência do Cristianismo* não entra em discordância com as ideias escritas posteriormente, uma vez que há um aprofundamento, uma retomada de sua hipótese, e não uma falha, uma vez sendo compreendida em sua totalidade.

A afirmação do homem em sua filosofia tem como proposta o afastamento da teologia e filosofia especulativa (teologia racional), visto que a mesma é percebida pelo filósofo como negativa na compreensão do homem. A proposta para *A Filosofia do Futuro* feuerbachiana é a constituição do homem como ser livre, que pode escolher genuinamente, e que percebe a liberdade não como martírio, mas como afirmação da realidade natural sensível do próprio homem.

Por fim, destacamos que as críticas mais empenhadas na demolição da religião tiveram mais de duzentos anos para comprovar suas teses de que os homens, de fato, podem viver sem o imaginário transcendente; contudo, mostraram-se ineficazes durante todo esse período, como pode ser bem observado na história da humanidade. Resta-nos agora pensar, diante desses aspectos, até que ponto a Razão é capaz de compreender, direcionar e dar conta da profundidade da existência e das questões humanas.

Referências:

ALMEIDA, R. O. **A crítica da religião em Marx**. VII colóquio internacional Marx Engels. Artigo. CEMARX UNICAMP. 2012. 6p. Disponível em <https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/7241_Oliveira_Renato.pdf>. Acesso 01 jan 2018.

ALVES, R. *O que é religião*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHAGAS, E. F. **O homem como imagem de Deus ou Deus como imagem do homem** in: Ercilia Maria Braga de Olinda. (Org.). Formação humana: Liberdade e Historicidade. Fortaleza: Edições UFC, 2004.

FEUERBACH, L. **A Essência do Cristianismo**. Tradução e notas de José da Silva Brandão. - 3ª ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2012.

_____. **Para a crítica da filosofia de Hegel**. Tradução de Adriana Veríssimo Serrão. São Paulo: LiberArs, 2012.

_____. **A essência da religião**. Tradução de José da Silva Brandão. Campinas: Papyrus Editora, 1989.

_____. **Princípios da Filosofia do Futuro.** Tradução: Artur Morão. Coleção textos clássicos de Filosofia. Lusofia:press. Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2008.

FREUD, S. **O mal-estar na cultura.** Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM POCKET VOL. 850, 2010.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo** / Peter Gay ; tradução de Denise Bottmann; consultoria editorial Luiz Meyer. – 2ª Ed. – São Paulo: Companhia das letras, 2012.

LOPES, Rafael Werner. **ANTROPOLOGIA E MORAL EM LUDWIG FEUERBACH:** Determinação eudaimônica e autodeterminação humana. 2011. 251 p. Tese de doutorado (Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. 1. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2867/1/431939.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

OLIVEIRA, M. **A Antropologia na filosofia de Kant.** Repositório de obras da Universidade Federal de Fortaleza (UFC), 1978. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10545/1/1978_art_maoliveira.pdf. Acesso dia 07 mar de 2018.

ZILLES, U. **Filosofia da religião.** São Paulo: Paulus, 1991. – (Coleção filosofia).

_____. Situação atual da Filosofia da religião. **Rev. Trim.** Porto Alegre. V. 36. Nº 151. P. 239-271. Mar. 2006

_____. A crítica da religião na modernidade. **INTERAÇÕES** - Cultura e Comunidade / v. 3 n. 4 / p. 37-54 / 2008.

_____. A crítica da religião. **Teocomunicação.** Porto Alegre. V. 38 n. 159 p. 81-95. Jan/abr. 2008.